



O cinema e a extensão em relações internacionais: métodos, trajetórias e resultados

Edson José Neves Junior: Relações Internacionais - Universidade Vila Velha

Cristine Koehler Zanella: Relações Internacionais - Universidade Federal de Uberlândia

Utilizar o cinema como ferramenta para atividades de extensão, ensino e pesquisa, tornou-se prática recorrente nos cursos de graduação em Relações Internacionais no Brasil. Há casos em que os projetos de extensão se transformaram em disciplina opcional, como na Universidade

de Brasília (UnB). Em outros, há o estímulo à pesquisa a partir da análise fílmica, com a produção de Trabalhos de Conclusão de Curso, como verificado na Universidade Vila Velha (UVV), do Espírito Santo. Na linha de publicações acadêmicas, além de produções de artigos em periódicos da área foi lançado, em 2015, o

primeiro livro totalmente dedicado a abordagens de temas de relações internacionais por meio do cinema. Trata-se da coletânea “As Relações Internacionais e o Cinema”, que surge como resultado da experiência de alguns anos com o estudo e a prática do uso de filmes em salas de aula por seus organizadores, os mesmos que assinam este artigo, e cujo primeiro volume reúne análises de filmes feitas por especialistas brasileiros em Relações Internacionais. O intuito deste ensaio é apresentar um pouco dessa bagagem compartilhada como extensionistas.

A importância do cinema para as relações internacionais

A primeira consideração a respeito da relevância do cinema para as análises de Relações Internacionais diz respeito à natureza do objeto estudado pela área e seu campo acadêmico. As Relações Internacionais abrem, literal e figurativamente, *um mundo* de possibilidades de estudo aos internacionalistas fazendo com que, não raro, os temas tratados ao longo do bacharelado em Relações Internacionais abranjam realidades bastante distintas daquelas com as quais se convive cotidianamente no Brasil. Considerando nossa experiência enquanto estudiosos e professores de Relações Internacionais, com frequência o internacionalista se depara com aspectos culturais, políticos, econômicos, históricos e atuais que lhe fogem à compreensão por apresentarem características diferentes daquelas da realidade que vivenciam.

Uma rápida olhada nos temas de pesquisa dos Trabalhos de Conclusão de Curso oferece uma amostra da diversidade da qual falamos aqui: a situação internacional do Tibete; a disputa indo-paquistanesa pela Caxemira; o conflito na península coreana; a “guerra mundial africana” e o Congo; o Estado somali; a disputa pelo Mar da China; as garantias de direitos humanos dos migrantes; a proteção do meio ambiente; o terrorismo; a pirataria; o papel das organizações

internacionais; a atuação dos entes subnacionais, entre outros. Como em muitos desses casos o acesso à região e às fontes de informação estão obstadas pela instabilidade política, por políticas de restrição ou mesmo por limitações financeiras, o recurso aos filmes se torna uma das maneiras de ter um primeiro contato com o objeto de estudo abordado e fomentar a pesquisa nas Relações Internacionais. Tal tendência é reforçada pelo fenômeno da popularização das comunicações, pela globalização e pelo estímulo à produção cinematográfica (CARTER, DODDS, 2014).

Além de aproximar futuros internacionalistas de realidades que lhes são tanto distintas quanto inescapáveis, há os elementos identitários e políticos vinculados aos filmes. O primeiro ponto faz referência ao apelo artístico e estético das obras filmicas e sua identificação com o público a que se dirige. A sétima arte tem, pelo seu próprio estatuto artístico, a potencialidade de representar as manifestações humanas em circunstâncias variadas. Por incluírem imagens em movimento, sincronizadas, sonorizadas e editadas em uma narrativa coerente, e por terem como protagonistas exemplares humanos, os filmes apelam à identificação com um público cada vez maior e irrestrito quanto à classe social ou ao conhecimento artístico prévio (MORIN, 1997). A massificação das artes é, nas palavras de Walter Benjamim, mais perceptível no cinema (BENJAMIN, 1987). Essa característica merece destaque porque a aproximação com o grande público fez com que o cinema adquirisse relevância política. Ao falar para e com as massas o cinema se habilita como um canal para operacionalizar políticas de convencimento da opinião pública e legitimá-las.

Não é de hoje que as obras cinematográficas são empregadas para finalidades políticas por governantes. Nas primeiras décadas do século XX, europeus e americanos atestaram a utilidade do cinema na formação e no ensino, na construção de valores morais, na divulgação de princípios ideológicos e para a mobilização popular. Nesse

sentido, as principais potências envolvidas na Segunda Guerra Mundial detinham, antes de iniciado o conflito e durante o seu desenrolar, substantiva quantidade de estúdios ligados ao poder público: Disney e a indústria de Hollywood pelo lado estadunidense; o Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda, que controlava a produção fílmica pelo lado alemão; e a Administração Principal da Indústria Cinematográfica e de Fotografia da URSS, pelo lado do cinema soviético¹ (FERRO, 1992). O uso do cinema como ferramenta política se viu ampliado com a Guerra Fria, em grande parte impulsionado pela “Diplomacia de Hollywood”, interessada em construir ou reforçar para a opinião pública de países aliados o antagonismo ao comunismo, legitimando assim o seu combate (JENKINS, 2012). Atualmente, a função política ainda marca o cinema, mas a atomização das tecnologias de informação torna um pouco mais difícil o direcionamento e o controle da produção cinematográfica pelo poder público, restringindo sua influência aos chamados *blockbusters*².

A partir da perspectiva de que o filme é um instrumento político, os extensionistas podem utilizá-lo como fonte primária, a ser confrontada com conceitos e categorias da área de Relações Internacionais da mesma forma que a literatura, os jornais ou os documentos oficiais. Para viabilizar a aplicação de conceitos da área são necessários métodos analíticos ajustados, que o mundo acadêmico já tem proporcionado ao longo do tempo e que os pesquisadores das Relações Internacionais têm desenvolvido e adaptado constantemente (VANOYE, GOLIOT-LÉTÉ, 1994, ZANELLA, NEVES JR., 2015).

1. Nos anos 1920 o cinema soviético foi mais flexível ao permitir que as Repúblicas Soviéticas mantivessem sua produção fílmica nacional autônoma. Em 1933 as atividades de cinema passaram a ser concentradas pelo Estado com a criação da “Administração Principal da Indústria Cinematográfica e de Fotográfica da URSS” (Main Administration of the Film and Photo Industry of the USSR). (FERRO, 1992)

2. Os *blockbusters* são filmes que esperam atrair multidões aos cinemas. Nos últimos anos os filmes que têm recebido maiores públicos são as adaptações de Histórias em Quadrinhos.



Figura 1: Cartaz do filme “Alô Amigos” (Saludos Amigos), dos estúdios Disney, financiado dentro do contexto das políticas de Boa-Vizinhança. É um exemplo de como o cinema foi utilizado na política internacional
Fonte: IMDb, 2016

Como os filmes têm sido utilizados

Considerando as experiências dos autores deste texto em debates com extensionistas e em publicações acadêmicas, é possível identificar na área ao menos três recursos metodológicos para análise de filmes. O primeiro, e mais comum, é tratar o filme como texto. A *análise-texto* desconsidera elementos externos ao filme e à narrativa, e se concentra na história contada. Neste caso, o roteiro se torna o objeto para averiguar o posicionamento da obra sobre determinado tema, facilitando a crítica. Essa alternativa permite maior profundidade por demandar o estudo em minúcias do texto e do discurso desenvolvido, cotejando-o com a diversidade teórica das Relações Internacionais. Sua maior fragilidade, entretanto, está ligada à sua principal virtude: o privilégio do discurso negligencia importantes fatores ligados à produção e à estética.

Um segundo tipo comum de abordagem combina a narrativa com informações externas ao filme, tais como o perfil e o prestígio de diretores e atores, fontes de patrocínio e de orçamento, inclinações políticas do estúdio e de seus diretores, mas também considera os efeitos visuais e editoriais das obras. Essa possibilidade, relativa à combinação do discurso com elementos diversos - geralmente pretéritos ao filme e com outros elementos artísticos, como efeitos especiais, de luz, de cenografia, de enquadramento, entre outros - demanda do especialista uma grande habilidade para conciliar uma variedade de informações, nem sempre evidentes, em uma análise que combine o filme com os conceitos das Relações Internacionais. Em comparação ao primeiro, o mérito desse método *externo-estético* está em atribuir ao filme maior destaque na análise.

Um recurso metodológico remete à comparação da produção fílmica de uma época, a *contextualização temática*. Parte-se da escolha de um filme que simbolizou determinada conjuntura, se identifica qual o posicionamento em relação a um determinado tema e, a seguir, analisa-se o contraste com as demais obras lançadas no mesmo contexto histórico. A ênfase, então, se desloca para qual percepção política os estúdios, em articulação com grupos políticos e/ou governo, procuraram difundir sobre um assunto. Enfatiza-se, aqui, o cinema enquanto agente histórico e político. Neste formato de análise é imprescindível um recorte temporal preciso, coerente com o momento histórico analisado, e uma boa escolha dos filmes representativos daquele período.

A partir dessas diferentes abordagens, os filmes têm sido trabalhados por especialistas de Relações Internacionais, principalmente em atividades de extensão. A seguir, apresentamos a evolução dos projetos de extensão relacionando cinema e RI de que os autores fizeram parte, a experiência dos autores com a análise fílmica e os resultados obtidos até o momento.

As edições do projeto

O primeiro projeto coordenado por um dos autores envolvendo Relações Internacionais e Cinema foi desenvolvido durante o ano de 2012, na Faculdade América Latina, em Caxias do Sul/RS. Com o título de “Relações Internacionais e Política no Cinema”, o projeto coordenado pelo professor Edson Neves Jr. contou com cinco sessões/palestras nas quais foram exibidos e, em seguida, debatidos os filmes por especialistas convidados os temas vinculados à obra exibida.

Neste primeiro projeto, as ambições eram comedidas quanto à abrangência. Nosso público alvo eram os próprios alunos dos cursos de Relações Internacionais e de Ciência Política da Faculdade América Latina, tínhamos por meta estimulá-los a pensar criticamente os filmes e utilizá-los como ferramenta complementar ao ensino. Alguns fatores dificultaram a realização desses primeiros encontros, o principal deles dizia respeito à disponibilidade de datas e horários institucionais para a exibição das obras: sábados à tarde foi a possibilidade que se apresentou, uma vez que os cursos eram noturnos e a instituição somente oferecia salas para a atividade aos finais de semana. Outra dificuldade era que as salas não estavam adaptadas para exibição cinematográfica – eram muito claras e o espaço de projeção reduzido. Além disso, a instituição considerava que atividades quaisquer, inclusive de extensão, deveriam ser comercializadas a valores muito altos. De qualquer forma, essa primeira experiência com cinema e Relações Internacionais trouxe importantes aprendizados para futuros projetos.

Em 2013, com a transferência do professor Edson para a Universidade Vila Velha (UVV), uma universidade comunitária, a Extensão envolvendo o cinema e as Relações Internacionais foi retomada com projeto CineRI, com novos rumos no que se refere à natureza e à abrangência³.

3. O CineRI já era realizado na UVV. Em 2013 sua coordenação foi assumida pelo professor Edson e o projeto reformulado.



Figura 2: Edição do CineRI – 2015/2, na qual foi exibido o filme da Disney “Alo Amigos”, de 1942, que trata da política estadunidense do *Soft Power* para a América Latina no contexto da Segunda Guerra Mundial. Fonte: autores

A estrutura oferecida aos extensionistas foi ampliada e ajustada às necessidades das atividades desenvolvidas. A proibição de cobranças financeiras pela instituição e a exigência de que todas as atividades sejam abertas à comunidade ampliou o público atingido em cada encontro. Desde 2013 realizamos um Ciclo do CineRI por semestre. Tais condições transformaram a abordagem das Relações Internacionais por meio do cinema em uma atividade ampliada, voltada também para outros cursos da UVV e para outras instituições de ensino superior. Ademais, estendemos o convite para professores do ensino básico com o intuito de contribuir para a formação complementar. Há um componente pedagógico e formativo nesse objetivo: pedagógico porque estimula que os professores repliquem a experiência em suas aulas, e formativo porque não apenas estimula um método didático alternativo, como também se enquadra nas determinações do Ministério de Educação para formação continuada, conforme o Decreto 8.752/2016 sobre Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica.

Essa abrangência ampliada do projeto e a não monetização do curso de extensão representou ganhos substanciais de público, atendendo mais à comunidade, como pretende em essência ser uma atividade de extensão.

O objetivo de ampliar o curso foi atendido, em parte, com a participação de alunos e outros cursos e externos à instituição, mas foi bastante limitado no que se refere ao comparecimento de docentes do ensino básico. No contato com as escolas públicas ficou claro que os horários das sessões e o deslocamento para a UVV seriam problemas que limitariam a participação. Além do que, como regra, os professores já têm compromissos em excesso e se comprometem estritamente com formações eventuais oferecidas pelo órgão público ao qual estão vinculados.

O estímulo ao trabalho extensionista com filmes nas Relações Internacionais evoluiu para outros campos além do complemento ao ensino, como a pesquisa. Os esforços nesse sentido resultaram

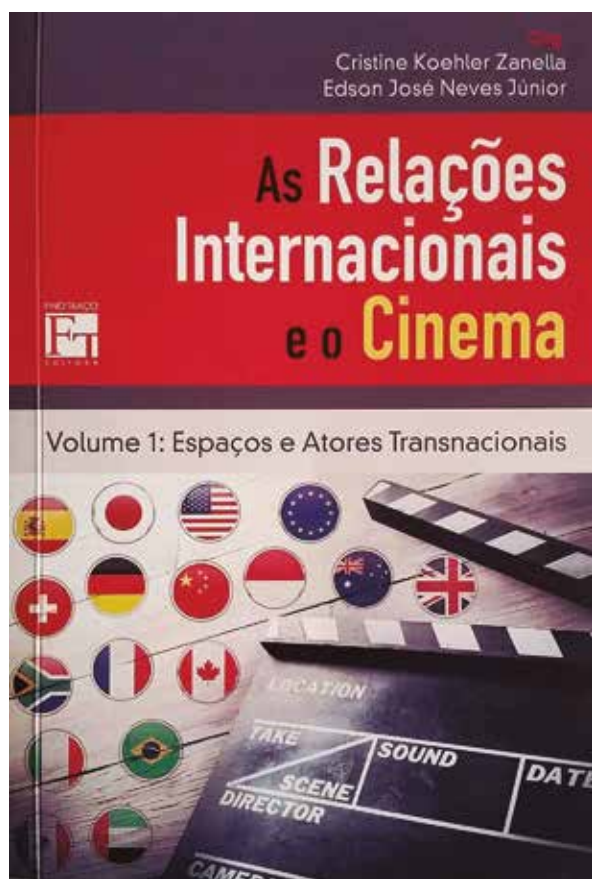


Figura 3: Capa do livro “As relações internacionais e o cinema: espaços e atores transnacionais”.
Fonte: ZANELLA, NEVES JR., 2015

em investigações no nível da graduação, como a produção de Trabalhos de Conclusão de Curso. Dentre estes trabalhos, destacam-se um sobre o cinema de propaganda para o regime nazista⁴ e outro sobre a trilogia do Homem de Ferro para os cinemas como a representação fílmica do Complexo Industrial Militar estadunidense⁵ - para citarmos apenas alguns já defendidos. Na edição do CineRI do semestre de 2016/1 as duas alunas de graduação que defenderam trabalhos na área foram convidadas a palestrar sobre os filmes que analisaram previamente, já que os

4. Título: *Mais que um filme: uma análise da propaganda política nazista nos filmes “O jovem hitlerista Quex” e “o Judeu Süß”*, defendido no segundo semestre de 2015, pela aluna de RI da UVV Ana Luiza Pena da Cunha.

5. Título: *Trilogia Homem de Ferro: representação e crítica a política externa norte-americana*, defendido no segundo semestre de 2015, pelas alunas de RI da UVV Lívia Guarnel Corça e Flavia Paulini.

trabalhos de ambas foram muito bem avaliados nas respectivas bancas e eram vinculados aos temas de interesse das Relações Internacionais.

Esse histórico dos projetos de extensão sobre cinema e Relações Internacionais que descrevemos nesta seção faz parte do nosso histórico acadêmico e das nossas carreiras profissionais. Para os dois autores deste texto, esse histórico remonta aos anos finais da nossa formação superior que resultaram não apenas em atividades extensionistas, mas transbordaram para o ensino e para a pesquisa.

Experiências dos autores: extensão, ensino e pesquisa

A ligação dos autores deste trabalho com uma abordagem acadêmica de temas tratados no Cinema remonta ao período da graduação e, em ambos os casos, liga-se ao curso de História.

Entre 2004 e 2005, Edson frequentava os semestres finais do curso de História da UFRGS quando, junto com colegas e professores, coordenou o projeto “História e Cinema”. O projeto, organizado em formato de extensão e voltado a vestibulandos, tinha como proposta a exibição de filmes como provocação para o tratamento de temas históricos relevantes. Uma segunda edição do projeto foi realizada entre 2005 e 2006, no mesmo formato inicial. Como resultado das apresentações durante a extensão foi publicado em 2014 o livro “História no Cinema para estudantes”, organizado pela professora Cláudia Wasserman, no qual Edson participa com o texto “Tempos Modernos - Revolução Industrial”.

No mesmo período em que Edson trabalhava no projeto “História e Cinema”, Cristine, que era estudante de Direito na UFSM, frequentava disciplinas complementares no curso de História em Santa Maria. Foi nesse ambiente que, em 2005, o colega Alexandre Maccari Ferreira e

Filmes	Temas
A Chave da Casa	O Problema dos Refugiados e as Guerras
Alô Amigos	O <i>Soft Power</i> da Boa Vizinhança dos Estados Unidos e a Disney
Berlim 1885	O Imperialismo, colonização da África e a Grande Guerra
Bom dia Vietnã	A Guerra Fria e o conflito no Vietnã
Elysium	As relações entre Tecnologia Militar, Conscrição e Cidadania
Falcão Negro em Perigo	Coalizões Internacionais e Intervenções Militares
No	O plebiscito de 1988 e a legitimidade do governo Pinochet no Chile
Nova Iorque Sitiada (filme)	O Terrorismo e a política contra-terrorista dos Estados Unidos depois do 11/09
O Mundo Segunda Lula	A política externa do governo Lula

Tabela 1: Alguns dos filmes e temas tratados no Projeto de Extensão CineRI entre 2013 e 2016

professores do curso de História, convidaram-na para comentar o filme “Glória feita de Sangue” nos já conhecidos “Ciclos de Cinema Histórico”, projeto de extensão voltado para a comunidade santa-mariense em geral. A partir de então Cristine comentou filmes todos os anos no projeto, até 2009. Esses comentários hoje estão incluídos em diferentes volumes do livro “Uma história a cada filme”, na forma de capítulos e com os seguintes títulos: “Nos caminhos da glória, as entranhas do poder” (Vol.1, 2006); “A crença de Pasolini: das mãos de um ateu, o mais puro retrato de Cristo” (Vol.2, 2007) e “A inexorável consciência da queda: decadência e transição em O Leopardo, de Luchino Visconti” (Vol.4, 2010).

Inspirados nessas experiências os autores continuaram a se valer do cinema para seus próprios estudos e, tão logo iniciaram suas carreiras docentes, levaram para as salas de aula os filmes como auxiliares no processo de ensino e aprendizagem. Edson como professor de História e Geografia do ensino básico, levou o cinema para a sala de aula para ilustrar importantes momentos da história. Cristine, como professora de Direito Internacional, levou o cinema para a sala de aula para ilustrar os momentos emblemáticos na construção do reconhecimento

internacional dos direitos humanos e para ilustrar conflitos internacionais distanciados no tempo e no espaço. É com esse espírito que os autores se encontraram em 2011, como colegas do Doutorado em Estudos Estratégicos da UFRGS, ambos querendo expandir o uso do cinema para as Relações Internacionais.

Em 2011, já no primeiro ano de doutorado, começaram as primeiras sinalizações e tratativas para um trabalho conjunto dos autores que envolvesse a utilização do cinema para o ensino e a aprendizagem em Relações Internacionais. Em 2012, apoiando o projeto do Curso de Relações Internacionais e do Diretório Acadêmico do Curso de Relações Internacionais do UniRitter “Relações Internacionais com Cinema”, Cristine comentou o filme *Baseball in the time of cholera*. Em 2013, já como professor da Faculdade América Latina, em Caxias do Sul, Edson estruturou o projeto de extensão “Relações Internacionais e Política no Cinema”, cuja primeira edição foi dedicada ao tratamento dos Direitos Humanos em múltiplas perspectivas. Nesse mesmo ano já estava em curso a produção do primeiro livro brasileiro totalmente dedicado ao uso do cinema para o estudo e a compreensão das Relações Internacionais, o qual seria finalizado dois anos depois. Assim,

em 2015 foi publicado “As Relações Internacionais e o Cinema”, cujo volume um é dedicado aos espaços e atores transnacionais. Neste ano de 2016 está prevista a publicação do segundo volume do livro, dedicado aos “Estados e conflitos internacionais”.

Ambos os livros sobre RI e Cinema refletem a pesquisa, mas sob outro viés: a da produção de especialistas da área. Como adiantado, o primeiro livro reúne textos diversos que tratam da temática “Espaços e Atores Transnacionais”, incluindo conceitos como *soft power*, terrorismo, regulação das finanças internacionais, ajuda humanitária, movimentos sociais transnacionais, migrações, dentre outros. A intenção deste primeiro volume foi reunir autores que reconhecem o valor do uso do cinema nas atividades de extensão, pesquisa e ensino, e que, em sua maioria, já tinham utilizado de alguma dessas formas o cinema em suas atividades.

O primeiro volume conta com contribuições de intelectuais de várias instituições de ensino e pesquisa do país e varia bastante quanto às teorias e métodos de análise fílmica. O volume dois já está em fase final de produção

e tem o subtítulo “Estado e conflitos internacionais”. As análises desse segundo volume tratarão de assuntos relacionados à guerra e à paz, como modernização militar, conquista espacial, evolução da natureza da guerra, inteligência, e identidade nos conflitos internacionais.

Em função da dificuldade de aproximar os estudantes e a comunidade em geral de diversos objetos de estudo das Relações Internacionais, o cinema apresenta-se como uma ferramenta valiosa de ensino e aprendizagem para esse campo do conhecimento. Geralmente, é a partir do eixo da extensão, oferecendo um primeiro contato com temas não raro distantes do espectador no tempo ou no espaço, que os filmes passam a fazer parte dos recursos à disposição de professores, alunos do curso de Relações Internacionais e interessados para compreender os eventos internacionais. Em que pese a possibilidade de aperfeiçoamento, especialmente para aumentar o acesso das comunidades às atividades extensionistas, os projetos destacados neste texto atestam a potencialidade deste instrumento para a extensão e seus efeitos positivos sobre a pesquisa e o ensino. ◀

Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CARTER, Sean; DODDS, Klaus. **International Politics and Films: space, vision, power**. London; New York: Wallflower Press Book, 2014.

FERRO, Marc. **História e cinema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

IMDb.Inc. **Internet Movie Database**. **Alô, Amigos** (1942). Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0036326/mediaviewer/rm4042168832>>. Acesso em: 19/06/2016

JENKINS, Tricia. **The CIA in Hollywood: How the Agency Shapes Film and Television**. Austin: University of Texas Press, 2012.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a Análise Fílmica**. Campinas/SP: Papirus, 1994.

ZANELLA, Cristine Koehler, NEVES JR., Edson José. (Org.). **As Relações Internacionais e o Cinema: espaços e atores transnacionais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.